

Formação de Professores incluindo as TDIC: o caso do PARFOR no ISERJ

Andréa Villela Mafra da Silva¹, Keite Silva de Melo²

¹ FAETEC/ISERJ - ProPEd/UERJ
Rio de Janeiro – RJ - Brasil

² FAETEC/ISERJ – PUC/Rio – SME de Duque de Caxias
RJ - Brasil

av.mafra@hotmail.com, kmelo@iserj.edu.br

Tópico de Interesse: Estudos da Cibercultura – Formação de Professores para Era Digital

1. Introdução

Pensar a formação de professores envolve grande articulação e planejamento coletivo prévio de todos os envolvidos.

A adoção das Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (TDIC), que incorpore a dimensão cultural própria de docentes de escolas públicas em formação, buscando romper com práticas homogeneizadoras e reducionistas é um desafio. Para uma instituição fazer frente a esse desafio, faz-se necessário um planejamento coletivo muito bem refletido.

A importância do planejamento coletivo é um pressuposto da gestão democrática (VEIGA, 2006). Ele alinha o desenho didático de um curso com a demanda coletivamente delimitada, tendo em vista a qual cidadão se deseja formar e para qual sociedade.

1.1. Objetivo

Este trabalho traz o relato dos primeiros resultados da pesquisa em andamento “PARFOR/ISERJ e Grupo de Pesquisa FORPROTEC juntos na formação docente através das TDIC”. Apresentamos os desafios enfrentados por docentes do curso de Pedagogia do Programa PARFOR do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), ao acionar a parceria do Grupo de Pesquisa FORPROTEC para formular uma proposta inovadora para estes professores em formação, adotando para isso, os recursos da Educação a Distância (EaD).

2. Formação de professores para as TDIC

Em qualquer área do conhecimento, a formação continuada é uma exigência do nosso tempo. A obsolescência do conhecimento nunca foi tão veloz, o que não significa que os conhecimentos construídos devam ser desconsiderados, mas atualizados ou revisitados. Em educação, com as mudanças políticas, éticas, econômicas, tecnológicas e sociais, o exercício docente ganha cada vez maior complexidade, tornando-se ainda mais fundamental. O excesso de informações e o ritmo acelerado que elas nos chegam, exige um novo saber-fazer investido de sabedoria e letramento digital.

Kenski (2013, p. 88-89) nos lembra que “é preciso antes de tudo que possamos assumir que não temos condições de saber tudo, mas que sabemos alguma coisa. E que, com o que sabemos, podemos contribuir para que todos possam saber mais e melhor.”. De posse desse pressuposto, como formar professores com postura crítica em relação às TDIC, em um mundo com excesso de informações?

Um caminho seria formá-lo em um contexto onde as TDIC compõem parte da sua formação, articulando os saberes que estes professores já trazem em sua identidade, tornando-o protagonista e buscando a articulação entre teoria e a prática, a fim de promover cada vez mais a sua autonomia e emancipação. Nos desafios citados por Nóvoa, destacamos o segundo que busca superar essa pseudo-cisão entre teoria e prática, que marca muitos dos cursos superiores de formação e professores.

O segundo desafio é a formação mais centrada nas práticas e na análise das práticas. A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente. Por isso, tenho defendido, há muitos anos, a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas. (NÓVOA, 2007).

É nesse sentido de análise das práticas e formação centrada nas práticas que a formação desses professores para inclusão das TDIC em seu agir pedagógico vem acontecendo em parte no ambiente virtual de aprendizagem, uma produção própria da cibercultura (cultura que emerge com os meios digitais).

3. O programa PARFOR e o Grupo de Pesquisa FORPROTEC

O PARFOR, na modalidade presencial é um programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a CAPES, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior (IES). O objetivo do PARFOR é fomentar a oferta de educação superior para professores em exercício na rede pública de

educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (CAPES, 2010).

É para esse grupo de professores-estudantes que se buscou alternativas para otimização do tempo, vinculando-as cada vez mais ao curso, para evitar a evasão que acomete muitos dos alunos trabalhadores. E ainda adotar em sua formação o potencial de um dos recursos das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, o Ambiente Virtual.

O colegiado do PARFOR, junto à sua coordenação, acionou o FORPROTEC para fazer uma parceria e inaugurar salas virtuais para que as disciplinas pudessem ser cursadas no AVA em até 20% de sua carga horária, conforme previsto na Portaria MEC 4.059/04 (MEC, 2004).

O objetivo do grupo de pesquisa FORPROTEC é investigar as competências necessárias ao professor para o uso das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o professor é o centro de atenção da pesquisa do FORPROTEC/CNPq e está envolvido indissolúvelmente nas relações deste processo educativo online. Criado pelo grupo de pesquisa em 2013, o ambiente virtual de aprendizagem do ISERJ dispõe de salas de aula divididas por segmentos de ensino e é o grupo de pesquisa que realiza a formação dos docentes interessados em adotar o AVA em suas disciplinas.

4. Metodologia e resultados parciais

Os professores do PARFOR acionou as pesquisadoras do FORPROTEC para inaugurar as salas virtuais e formar alunos e professores do PARFOR para o uso dos recursos do AVA.

Esses docentes se decidiram por essa estratégia e comunicaram ao grupo de pesquisa dias antes do início do segundo semestre do 2014, quando seria implantado o piloto. O FORPROTEC, buscando auxiliar o colegiado na implantação dessa estratégia e entendendo que a opção por esse caminho se deu após profunda reflexão e adesão dos envolvidos, construiu em apenas três dias todo o planejamento de formação inicial para discentes e docentes (oficinas no laboratório de informática), tutoriais e formação continuada (plantões presenciais para atendimento e suporte virtual).

Dezesseis alunos do PARFOR foram cadastrados em onze salas virtuais das disciplinas ofertadas para o 4º período do curso, sendo duas destas, disciplinas eletivas.

Embora houvesse aparente adesão de discentes e docentes para o uso do AVA nas capacitações presenciais, o que se seguiu foi bem distante desta euforia inicial. Somente quatro professores do PARFOR buscaram a formação continuada através do plantão presencial, e destes quatro, apenas dois foram a mais de dois encontros e nenhum aluno acionou o plantão.

Notamos que havia por parte dos professores, profundo desconhecimento tanto do potencial dos recursos, quanto da dedicação e reconfiguração do seu papel de docente no ambiente virtual. Os que iniciaram alguma atividade no AVA Moodle, buscavam cumprir a atribuição de algum recurso (uma chamada com orientação para as próximas aulas) ou delegar alguma tarefa (incluindo aqui, a publicação de um arquivo de leitura para ser discutido na semana seguinte no momento presencial), e outras escolhas que não o(s) ocupasse(m) fora do seu horário presencial. Quando adotavam o fórum de

discussão, não incluíam nessa escolha, a sua docência mediadora no fórum, com a exceção de um professor que já possuía experiência em outras frentes com a EaD.

Acreditamos que se houvesse realmente um planejamento participativo anterior, e se o FORPROTEC tivesse participado deste com tempo hábil para promover a reflexão sobre o papel do docente no AVA e o impacto dessa escolha em seus planejamentos individuais, outra reconfiguração teria sido possível nesta empreitada. Apesar disso, os resultados encontrados neste relato nos oferecem dados significativos quanto à importância da formação dos docentes, coordenadores e discentes do curso de Pedagogia pelo FORPROTEC, para adoção refletida das mídias aos planejamento nos níveis meso e micro.

5. Considerações e próximas ações

Os primeiros achados da pesquisa apontam para a necessidade de maior familiaridade do professor formador diante das TDIC, e maior destreza técnica e pedagógica com o potencial do AVA. Creemos ser este profissional, o multiplicador deste engajamento pelos professorandos.

Aliado à essa necessária formação, o exercício do planejamento participativo com adesão e corresponsabilidade de todos os integrantes, inclusive com a participação dos parceiros acionados para implantação de uma política interna são fundamentais. Assim como, o acompanhamento próximo dos gestores para avaliar com o grupo a pertinência e eficácia das estratégias, seja para confirmar as boas escolhas, para revê-las e reconstruí-las ou mesmo avaliar se são a melhor opção para dado grupo considerando todas as particularidades e implicações.

Os próximos passos da pesquisa será a coleta de dados buscando avaliar a escolha (adoção do AVA) por docentes, discentes e gestão e as principais dificuldades que cada um desses grupos vêm encontrando para o FORPROTEC repensar o planejamento de suas formações fazendo frente às novas demandas que surgirem.

6. Referências

- BRASIL. (2004) Ministro de Estado da Educação. “Portaria n. 4.059. DOU de 13/12/2004, Seção 1, p. 34. http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf. Maio.
- CAPES. (2010) “Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica” – PARFOR. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>. Maio.
- KENSKI, Vani. (2013) “Tecnologias e tempo docente”. Campinas, SP: Papirus.
- NÓVOA, Antonio. (2007) “Nada substitui o bom professor”. http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Novembro.
- VEIGA, Ilma A. (2006). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma A.(org.) “Projeto político-pedagógico da escola”: uma construção possível. 22ª ed. Campinas, SP: Papirus.